

## FICHA TÉCNICA PARA ENTREVISTAS

**IDENTIFICAÇÃO DO PATRIMÔNIO:** Guardiã Jaqueline

**CATEGORIA:** Guardiões da Memória

**COMUNIDADE ASSOCIADA:** Dias Macedo

**ENTREVISTADO:** Jaqueline

**BREVE DESCRIÇÃO:** Jaqueline, guardiã das memórias do bairro, conta sobre como foi crescer no Dias Macedo e as histórias que guarda do lugar.

**DATA DA ENTREVISTA:** 8 de outubro de 2024

**MINUTAGEM:**

[Para acessar a entrevista, clique aqui!](#)

0:38 - 0:57

1:02 - 1:17

1:24 - 1:46

1:50 - 2:17

2:26 - 3:05

3:10 - 3:37

3:42 - 4:45

4:56 - 5:47

5:56 - 6:24

6:33 - 7:36

7:49 - 8:16

8:22 - 8:54

8:57 - 9:28

9:33 - 10:11

10:16 - 10:50

11:44 - 12:14

12:22 - 13:26

[aluno do Patrimônio para Todos] Silêncio no estúdio, gravando. Bom dia. Bom dia. Eu me chamo Miguel, eu sou aluno do Patrimônio para Todos. E agora eu vou fazer algumas perguntinhas para a senhora. Que irá durar apenas 15 minutos.

[Jaqueline] ok? Ok, pode fazer.

[ENTREVISTADOR] Para começar, qual o nome da senhora?

[Jaqueline ] Jaqueline.

[ENTREVISTADOR] Onde a senhora nasceu?

[Jaqueline] Aqui, no Dias Macedo. Exatamente no Papoquinho.

[ENTREVISTADOR] Sobre o seu ofício, qual é o seu papel principal no trabalho e com quem aprendeu?

[Jaqueline] Meu principal ofício eu aprendi com a minha mãe, que era professora dessas escolas durante 48 anos e meio que essa profissão ficou na nossa família. Hoje eu sou pedagoga, trabalho na SPS e faço um papel de um professor articulador da secretaria.

[ENTREVISTADOR] Legal. Houve mudanças ao longo do tempo? Houve. Quais?

[Jaqueline] Sim, Você nasce querendo ser bailarina, aí um dia você descobre que não dá para ser bailarina, porque vem outra profissão e te encanta, né? Como essa de você poder trazer algo novo, ensinar algo novo, diferente para as pessoas, é muito legal. As descobertas.

[ENTREVISTADOR] Sobre o bairro, você saberia dizer o porquê surgiu o nome desse bairro?

[Jaqueline] Bom, contam-se duas versões. A primeira era que não tinha nome nessa região, então era considerado Parque Juá. Já outros historiadores contam que na entrada do Dias Macedo virou um caminhão e nesse caminhão morreram várias galinhas, que ele fazia esse transporte. Então a partir daí sai o Mata Galinha.

[ENTREVISTADOR] Legal!

[ENTREVISTADOR] Como viviam as primeiras famílias que habitavam aqui?

[Jaqueline] Era bem difícil. Aqui era um bairro que não tinha água, não tinha luz, não tinha posto de saúde. Nenhum desses equipamentos, como conselho tutelar, posto de saúde, nós não tínhamos. Tudo veio através de uma luta muito grande, a partir de que alguns moradores se reuniram e fundaram a Associação de Moradores do Dias Macedo, entidade hoje que tem cerca de 45 anos.

[ENTREVISTADOR] Existe alguma lenda ou história sobre o bairro?

[Jaqueline ] Existe várias, né?

[ENTREVISTADOR] A senhora poderia contar algum para nós?

[Jaqueline] Um que eu acho bem interessante, que infelizmente não está mais com a gente, é a mãe Inês, que era a única parteira dessa região, faleceu há pouco tempo e fez várias matérias para vários lugares. A mãe Inês pegou mais de mil crianças dentro desse bairro, né? Então é uma lenda interessante, como também a tia Augusta, lá do Papoquinho, que foi a primeira enfermeira. E aí aqui todo mundo que ficava doente ia lá para a tia Augusta, para a tia Augusta, graças a Deus vocês me pegaram esse tempo, que era uma seringa de vidro e uma agulha enorme.

[ENTREVISTADOR] Você se diria uma pessoa que possui orgulho desse lugar?

[Um Bairro De Muito Trabalhador] Ai, não tenho, assim... Eu amo com todas as dificuldades, todas as lutas que a gente enfrenta. O Dias Macedo é um bairro encantador, maravilhoso, próximo de tudo. Seria tão bom se as pessoas conseguissem ver, ouvir, sentir mais o seu bairro e conhecer mais a história do seu bairro, conhecer. É muito bacana. O Dias Macedo é um bairro apaixonante.

[ENTREVISTADOR] Saberíamos dizer como e quando iniciou-se a ocupação do bairro Dias Macedo?

[Jaqueline] Bom, nós tivemos duas ocupações, né? A primeira ocupação aconteceu quando eu tinha 17 anos, que a partir de uma vila que os moradores foram despejados, eles foram para o campo do social, que era campo do social porque tinha um time de futebol ali e esse time de futebol era o primeiro e o nome dele era social. A partir daí houve uma grande discussão, várias ocupações dentro da Prefeitura de Fortaleza, que na época era atrás da Catedral, e aí nós conseguimos que o Renascer fosse construído, que é o Conjunto Renascer. Junto, veio as famílias que vieram do alargamento da Avenida Raul Barbosa, e aí a gente conseguiu construir o Renascer, que foi muito pouco. Não deu para todas as famílias, aí vem o Aquifício, que foi um terreno desapropriado pelo Estado, e aí inseriu mais famílias aqui do bairro, que foi através da Associação da Iolanda, que hoje é a presidenta da Associação de Moradores.

[ENTREVISTADOR] Legal! A senhora poderia compartilhar alguma memória que a senhora tem do bairro?

[Jaqueline] várias além dessa das ocupações a gente tem memórias incríveis aqui que fazem parte da nossa história os desfiles 7 de setembro os artistas aqui da terra são muito importantes o teatro né a gente tem chorinho feito pela Sandra Samba pelo Dragão do Mar a gente tem as

quadrilhas feita pela socorro cintura fina muitos anos A gente tem o Raimundo com o teatro, que foi onde criou o primeiro teatro do bairro e até hoje frequentado por muitas pessoas. E assim, também é importante a gente colocar a partilha da Igreja São Francisco com outras igrejas, né? com a criação da Sagrada Família, que sempre se tornou muito importante nesse desenvolvimento que o bairro teve, como o padre, como você conheceu, o padre Hélio, o padre atuante, que estava junto em todas as questões sociais que eram resolvidas no bairro, que era demanda do povo.

[ENTREVISTADOR] Bom, voltando um pouco sobre a sua pessoa, qual a origem da sua família? Poderia falar um pouco sobre ela?

[Jaqueline] Pronto. O meu avô, ele veio do Mundau, Trairi. E aí ele veio direto já para o Dias Macedo, que ele tinha uma pessoa, primo dele que trabalhou muitos anos ali próximo da Aerolândia, e disse que para cá tinha terreno muito barato, tinha terreno que nem tinha dono. Então, nessa época, ele juntou um dienherinho de umas terras que tinha no interior e veio embora para cá. Mas eu e todos os meus irmãos e primos, todos nós nascemos aqui no Dias Macedo.

[ENTREVISTADOR] Você poderia compartilhar alguma memória marcante da sua infância nesse bairro?

[Jaqueline] Olha, eu sempre fui voltada muito para o movimento popular, para o movimento comunitário. A primeira luta que eu me inseri aqui foi a luta pelo saneamento, que a gente veio concluir agora, há pouco tempo, depois de quase 50 anos. Quase 40 anos, na verdade. Eu queria muito dizer para vocês sobre... a criação dos conjuntos, o desfile 7 de setembro, que todo ano eu saía como dona Leopoldina, meu irmão saía como uma pessoa escravizada, toda história que era contada, os desfiles 7 de setembro, eles têm uma importância muito grande na nossa história do bairro, a gente sempre levou. E também, outro marcante importante, a apresentação das bandas marciais. O Dias Macedo tinha um do César Simpatia, que tinha um bloco Simpatia. Então, o Raimundo também tinha. E essa escola tinha uma das melhores, através de uma pessoa que não mora mais aqui, o Márcio, uma das melhores bandas marciais também era César e Márcio faziam, que era Padre Guilherme e Antônio Dias Macedo.

[ENTREVISTADOR] Há quanto tempo a senhora mora no bairro?

[Jaqueline] Desde que eu nasci. Cinquenta e uns pontinhos, mais três pontinhos.

[ENTREVISTADOR] Quando chegou e por que veio morar aqui?

[Um Bairro De Muito Trabalhador] Não, já nasci aqui, né? Agora você me perguntar por que eu nunca saí daqui, aí eu vou te dizer, porque eu não encontro outro lugar melhor do que essa terra aqui. onde a gente se vê todo mundo, onde a gente se conhece, a gente se cumprimenta, a gente conversa na feira, na porta da escola. E aqui é um bairro de muito trabalhador, de muita gente aguerrida, de muita gente que gosta de luta e gosta de fazer história de uma forma muito bacana e bem legal.

[ENTREVISTADOR] Na sua percepção, o que mudou e o que permaneceu na comunidade?

[Jaqueline] Eu acho que o que mudou um pouco, os estilos musicais, os adolescentes, teve um período que a gente tinha as disputas de break, agora me faltou o nome, que era na praça do Aquifício, lá no Renascer, no Aquifício, tinha muitas danças que hoje a gente vê muito menos nas praças, o povo dançava mais nas praças, eu acho que isso faz falta, eu acho que isso é uma coisa que deveria voltar. Acho que isso faz parte.

[ENTREVISTADOR] Antigamente existiam escolas?

[Jaqueline] Sim. A primeira escola daqui foi essa escola, Padre Guilherme, que era ali onde era o centro comunitário. Inclusive minha mãe foi professora lá. E aí depois foi a Fundação Macedo, construiu a escola Antônio Dias Macedo, que a partir daí o seu Zequinha passou muitos anos sendo diretor dessa escola. E a escola também que tem uma história importante para a gente. Era ele que organizava os desfiles, 7 de setembro, sempre tinha uma boa comunicação com a comunidade.

[ENTREVISTADOR] Qual lugar do bairro a senhora mais gosta ou sente afeto?

[Jaqueline] Um lugar que eu sinto mais afeto? Não dá para escolher um lugar. Eu amo Renascer porque teve uma história de luta muito forte. Mas todos os espaços aqui no Dias Macedo são muito importantes para nós. Como o centro comunitário que está sendo reativado depois de 12 anos por conta da profissionalização das famílias. Então se você me perguntar um lugar assim, eu acho que a Avenida Pedro Dantas é um momento importante para nós. É um espaço importante. Porque um dos nossos bairros é o único bairro em Fortaleza que tem uma única entrada e uma única saída. Você entra na Pedros Santos e sai na Marechal que tem cor.

[ENTREVISTADOR] Qual as principais expressões religiosas de antigamente?

[Jaqueline] Olha, antigamente nós tínhamos aqui duas igrejas. A igreja católica e a Assembleia de Deus. Nós tínhamos um terreiro de Umbanda, que era com o Seu João, depois mudou para o bairro vizinho, que é ali no Cidrião. Mas as expressões que nós tínhamos eram duas, exatamente essas, que era do Padre Plínio, que foi o iniciante, Padre Giovanni depois, e a igreja ali do... Cristã que fica no cemitério dos cachorros, a igreja evangélica.

[ENTREVISTADOR] Surgiram algumas outras?

[Jaqueline] Depois sim, muitas outras, várias outras religiões, as próprias igrejas evangélicas foram se transformando em outras igrejas, né? Verbo da Vida, Universal, que a gente tem aqui no bairro, né? Reconstruir em Cristo e foram formando outras células evangélicas.

[ENTREVISTADOR] E o que mudou?

[Jaqueline] Sobre?

[ENTREVISTADOR] Sobre as religiões?

[Jaqueline] Eu diria que mudou, a igreja católica eu vejo ela cada vez mais próxima do povo, como as igrejas evangélicas sempre estão mais presentes, fazem muitas visitas. Eu acho que a própria participação popular das pessoas nas igrejas é o que mudou. Em várias igrejas, igrejas diferentes, mas participam.

[ENTREVISTADOR] Você se sente pertencente ao bairro Dias Maceio?

[Jaqueline] Com certeza. Amor sem fim. Não tenho como expressar o que é ser dessa terra. É maravilhoso ser dessa terra. Eu sempre digo que não é a gente andar na rua sem andar. Não, é você andar e você tem afeto nas ruas. Você sempre vê alguém conhecido. Você sempre vê aquele lixo que tinha naquela rua, você lutou junto com os moradores e tirou. A gente tem várias histórias relacionadas, de várias lideranças de lutas aqui. É muito importante isso, muitos profissionais bons.

[ENTREVISTADOR] Como era participar dos blocos de carnavais do bairro?

[Jaqueline] Olha aí, Miguel, tu é um dos que participava, né? A gente criou... A primeira vez que o bloco saiu, nós não tínhamos dinheiro para fazer camisa. Cada um pegou a sua camisa e a gente fez uma tintazinha de colorau para pintar as blusas, pintar o rosto, para a gente poder sair na rua. Depois, muito tempo depois, veio começar a sair os editais da prefeitura e é onde a gente conseguia verba para fazer camiseta e levar uma camiseta para a criança pintar. Então a gente fazia várias ações onde as crianças pintavam suas camisetas, né? Para poder sair, mas não era só a questão de sair na rua para dançar um carnaval, não é isso, é desenvolver afeto, pertencimento, era a nossa história, era a nossa identidade, que nós nunca tivemos problema no bloco. O bloco tinha pessoas evangélicas, tinha pessoas católicas de todas as religiões, porque era um momento de afeto, de encontro da comunidade. E até hoje o Mata Galinha arrasta praticamente todo o bairro nesses dias de bloco. É muito legal. Como as festas juninas também são muito importantes aqui.

[ENTREVISTADOR] Quem foi o primeiro fundador do primeiro teatro aqui no Dias Maceio?

[Jaqueline] Raimundo Moreira. Raimundo Moreira foi o primeiro que fez o teatro aqui no Dias Maceio.

[ENTREVISTADOR] Muito obrigada, Jaqueline. Essa foi a pergunta de hoje.

[Um Bairro De Muito Trabalhador] Muito obrigada também.